

O ensino na Fisioterapia: momento de revermos a prática?

Felipe José Jandre dos Reis¹, Michelle Guiot Mesquita Monteiro²

As modificações que ocorreram nos últimos anos na sociedade provenientes da disponibilidade das fontes de informação, da globalização, do uso da tecnologia e das necessidades, demandas e exigências do mercado de trabalho, além das políticas públicas de saúde vigentes no país, repercutiram numa reflexão sobre a dinâmica do processo de aprendizagem e criaram a necessidade de um novo olhar para a formação do profissional de saúde. Atualmente é esperado que o fisioterapeuta desenvolva outras habilidades e competências que vão além do conhecimento técnico e específico, por exemplo: o pensamento crítico, a comunicação, a gestão, a capacidade de resolver problemas, de ser inovador, de garantir o olhar integral para o cuidado em saúde e de trabalhar em equipe. Ainda dentro desse contexto, o fisioterapeuta precisa reconhecer os ambientes em que está inserido (social e profissional) para ser capaz de trabalhar de forma eficaz atendendo à necessidade da população e de aplicar o conhecimento por meio da prática baseada em evidência.

O cenário atual da profissão nos faz refletir sobre como está a formação do fisioterapeuta no Brasil. Apesar dessas necessidades com que o fisioterapeuta se depara, o processo de ensino-aprendizagem tem enfatizado a aquisição de competências técnicas, mas não a compreensão, análise de problemas e aplicação do conhecimento com base nos estudos de maior evidência. Esses modelos de ensino adotados mesclam as influências provenientes da evolução do ensino superior no Brasil. Dentre as heranças, observamos a adoção da hierarquização do ensino, currículos

organizados por disciplinas, o professor sendo o detentor do conhecimento e repassador de conteúdos pré-definidos, o ensino fragmentado, o conhecimento dado como pronto e imutável, a desarticulação com a realidade e a incapacidade de aplicar o conhecimento na complexidade de uma situação real.

A prática de ensino conhecida como “educação bancária” considera que o aluno é vazio de conhecimento, tendo o professor como o responsável pela aprendizagem por meio da transferência de conhecimentos. Esse modelo favorece o conhecimento superficial, desenvolvendo habilidades como o hábito de tomar notas e memorizar, passividade do aluno e a falta de atitude reflexiva, “respeito” às fontes de informação, distância entre conhecimentos prévios assim como entre teoria e prática, ausência de problematização da realidade e adoção de modelos prontos e elaborados em outras regiões, além do individualismo e falta de participação e cooperação.

O processo de ensino-aprendizagem não pode ser visto de maneira linear, no qual os conhecimentos adquiridos são adicionados ao longo dos anos. Deve-se considerar que a complexidade do ato de ensinar e aprender envolve dimensões afetivas e cognitivas e por isso as metodologias de aprendizagem, nas quais o aluno compartilha com o docente a responsabilidade e o comprometimento do processo, têm se mostrado favoráveis a uma aprendizagem significativa e ao desenvolvimento de habilidades não cognitivas.

A formação do fisioterapeuta não deve se fixar apenas no desenvolvimento de habilidades específicas, mas na construção de um profissional

¹Doutor em Ciências pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e docente do curso de Fisioterapia do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ) – Rio de Janeiro (RJ), Brasil.

²Mestre em motricidade humana pela Universidade Castelo Branco (UCB), tutora do curso de Ativação de Mudanças na Formação Superior em Saúde da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP/ Fiocruz) e docente do curso de graduação em Fisioterapia do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ) – Rio de Janeiro (RJ), Brasil.

crítico que, por meio de um processo reconstrutivo, seja capaz de atribuir novos significados e construções. Dessa maneira, um ambiente que estimule a discussão e o pensamento crítico é provavelmente mais favorável para promover a maturidade intelectual necessária. Durante a formação, os graduandos precisam refletir sobre todos os aspectos da sua experiência de aprendizagem, incluindo aquelas que não estão

em uma grade curricular ou disciplina específica. É fundamental que o processo de ensino-aprendizagem transponha as barreiras físicas das salas de aula, que considere e reconheça as diferentes áreas dentro da ciência, a práxis inserida em diferentes contextos geopolíticos, sociais e culturais, assim como as múltiplas realidades do homem, tanto no aspecto individual quanto coletivo.